

Vozes do Território: contação de histórias como estratégia de divulgação científica no Geoparque Quarta Colônia

Voices of the Territory: storytelling as a scientific dissemination strategy in the Fourth Colony Geopark

Voces del Territorio: contar historias como estrategia de divulgación científica en el Geoparque Quarta Colônia

Thais Scotti do Canto-Dorow¹  

Alana Rodrigues Rigão Achterberg²  

Renata Azevedo Xavier³  

Rosemar de Fátima Vestena⁴  

Resumo

O Geoparque Quarta Colônia (GQC) constitui-se como um território rico em patrimônios naturais e culturais e é, nesse contexto, que este artigo objetiva relatar e discutir momentos de divulgação científica, mediados por histórias inspiradas no contexto cultural do GQC. Para isso foram desenvolvidas oficinas formativas com professores e estudantes da educação básica, em escolas de dois municípios do território (Ivorá e Nova Palma), conduzidas por meio da metodologia da Educação Patrimonial. Os resultados desdobram-se em dois blocos analíticos, com as histórias *que revelam as Ciências*: “A bela polenta: por que é tão especial?” e o “O sonho do pequeno Paolo”. A contação de histórias, enquanto estratégia de divulgação científica, aproximou os estudantes das Ciências, desconstruiu percepções do senso comum e estimulou a curiosidade sobre os processos naturais e culturais do GQC.

Palavras-chave: educação patrimonial; geoeducação; storytelling.

Abstract

The Fourth Colony Geopark (FCG) is a territory rich in natural and cultural heritage and it is in this context that this article aims to report and discuss moments of scientific dissemination, mediated by stories inspired by the cultural context of the FCG. For this, training workshops were developed with teachers and students of basic education in schools of two municipalities of the territory (Ivorá and Nova Palma), conducted through the methodology of Heritage Education. The results unfold in two analytical blocks, with the stories that reveal the Sciences: “The bela polenta: why is it so special?” and “The dream of little Paolo”. Storytelling, as a science dissemination strategy, brought students closer to the sciences, deconstructed perceptions of common sense and stimulated curiosity about the natural and cultural processes of FCG.

Keywords: heritage education; geoeducation; storytelling.

Resumen

El Geoparque Quarta Colônia (GQC) se constituye como un territorio rico en patrimonios naturales y culturales y es, en este contexto, que este artículo pretende relatar y discutir momentos de divulgación científica, mediados por historias inspiradas en el contexto cultural del GQC. Para ello se desarrollaron

¹ Universidade Franciscana, Santa Maria/RS – Brasil.

² Universidade Franciscana, Santa Maria/RS – Brasil.

³ Universidade Franciscana, Santa Maria/RS – Brasil.

⁴ Universidade Franciscana, Santa Maria/RS – Brasil.

talleres formativos con profesores y alumnos de educación básica, en escuelas de dos municipios del territorio (Ivorá y Nova Palma), conducidos a través de la metodología de la Educación Patrimonial. Los resultados se despliegan en dos bloques analíticos, con las historias que revelan las Ciencias: "La bela polenta: ¿Por qué es tan especial?" y el "El sueño del pequeño Paolo". La narración de historias, como estrategia de divulgación científica, acercó a los estudiantes a las ciencias, desconstruyó percepciones del sentido común y estimuló la curiosidad sobre los procesos naturales y culturales del GQC.

Palabras clave: educación patrimonial; geoeducación; storytelling.

Introdução

Os Geoparques Mundiais da UNESCO são territórios que integram a proteção do patrimônio geológico, da educação e do desenvolvimento sustentável por meio de uma gestão holística e participativa. Nesse modelo, a educação e a divulgação da ciência são dimensões indissociáveis da missão institucional dos geoparques, que devem ofertar atividades educativas para diversos públicos e idades, articulando os patrimônios geológico, natural, cultural e imaterial (UNESCO, 2025).

No Brasil, o Geoparque Quarta Colônia (RS) recebeu o selo da UNESCO Global Geopark em 2023, o que reforça seu papel estratégico para o letramento científico, a valorização do território e o engajamento comunitário (UNESCO, 2025). Para auxiliar esse papel estratégico e potencializar a relação da ciência com a sociedade, a divulgação científica consolidou-se como uma prática comunicativa relevante, que tem como propósito a aproximação da população à esfera da cultura científica e tecnológica. Essa atividade tem se apresentado cada vez mais importante à medida que diversos problemas sociais e naturais podem ser solucionados com as contribuições da ciência e da tecnologia. No campo da educação, a divulgação científica estabelece relações principalmente com a educação não formal, que de acordo com Gohn (2006, p. 28) se refere à educação “que se aprende ‘no mundo da vida’, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas”.

Diferentes tipos de público são alvo desse tipo de comunicação, mas, neste trabalho, ressalta-se o infanto-juvenil. A divulgação científica enfrenta desafios como a distância da linguagem técnica entre a produção acadêmica e o cotidiano das pessoas, por isso demanda abordagens que reduzam as barreiras de compreensão. No entanto, é possível encontrar diversas formas de divulgar a ciência para esse público como as revistas (Almeida, 2018), a animação (Santana; Silva; Freitas, 2021); os museus de ciências (Almeida *et al.*, 2018; Carneiro *et al.*, 2021); os teatros científicos (Moreira; Marandino, 2015); a contação de histórias (Lourenço, 2014).

A contação de histórias, também chamada de *storytelling*, destaca-se por favorecer a conexão emocional, a atenção sustentada e a memorização, servindo como ponte entre conceitos científicos e experiências de vida (Dahlstrom, 2014). A união entre a divulgação científica e a contação de histórias apresenta-se como uma estratégia potente para aproximar o conhecimento de diferentes públicos, superando barreiras linguísticas e conceituais frequentemente presentes na comunicação da ciência. A divulgação científica, quando realizada de forma tradicional, pode manter-se distante da realidade e do repertório cultural da comunidade; já, a narrativa oral, por meio do *storytelling*, favorece a criação de

vínculos emocionais, estimula a imaginação e facilita a compreensão de conceitos complexos (Dahlstrom, 2014).

No contexto do Geoparque Quarta Colônia, essa integração permite articular informações geológicas, paleontológicas e ambientais, com elementos culturais e históricos do território, promovendo a aprendizagem e valorizando o patrimônio local. Assim, a contação de histórias não apenas transmite dados científicos, mas, também, transforma o conteúdo em boas experiências, capazes de inspirar a reflexão e o engajamento da comunidade com a ciência e a conservação do geoparque.

Este artigo tem como objetivo relatar e discutir momentos de divulgação científica no Geoparque Quarta Colônia, mediados por histórias preparadas pelas autoras deste artigo, as quais foram inspiradas no contexto cultural do Geoparque, por isso no título, Vozes do Território.

Referencial teórico

Os Geoparques Mundiais da UNESCO são territórios únicos e integrados, compostos por sítios e paisagens de relevância geológica internacional, concebidos a partir de uma abordagem holística que envolve proteção, educação e desenvolvimento sustentável. Esses territórios têm como propósito central promover a educação e a cultura, preservando a “Memória da Terra” e utilizando-a de forma sustentável para impulsionar o desenvolvimento socioeconômico das comunidades locais (UNESCO, 2025). Sua gestão requer a integração entre conservação e desenvolvimento sustentável, com participação ativa da população residente. Nessa perspectiva, a sustentabilidade ambiental abrange dimensões educativas, turísticas, científicas e históricas, priorizando ações articuladas voltadas ao empreendedorismo, à conservação ambiental, à educação e à valorização cultural.

Em 2023, a UNESCO concedeu à região da Quarta Colônia o título de Geoparque Mundial (UNESCO, 2025). O Geoparque Quarta Colônia (GQC) abrange um território de 2.923 km², distribuído entre nove municípios: Pinhal Grande, Nova Palma, Agudo, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Silveira Martins, Restinga Seca, Ivorá e São João do Polêsine. Entre seus bens naturais e culturais, destacam-se a notável geodiversidade, composta por 30 geossítios de grande valor paisagístico e científico. A referência mais expressiva para a constituição do GQC é a presença de fósseis de dinossauros da Era Mesozóica, especificamente dos períodos Triássico Médio e Superior.

A ocupação humana da região remonta a diferentes grupos de origem indígena, africana e europeia (portuguesa, espanhola, alemã e italiana). A imigração italiana, iniciada oficialmente em 1877, deixou marcas profundas em boa parte do território, somando-se à presença alemã, estabelecida desde 1824. As manifestações históricas e culturais desses grupos estão presentes na arquitetura, gastronomia, artesanato, festividades e nos dialetos locais (Manfroí, 2001). Entre os principais legados da imigração italiana destacam-se a língua vêneta e a tradição culinária.

Em relação à culinária, o cultivo do milho (*Zea mays*) desempenhou papel central na subsistência das comunidades da Quarta Colônia. Introduzido e cultivado pelos

imigrantes, o milho tornou-se o cereal de base alimentar tanto para a população quanto para os animais domésticos. Sua versatilidade permitiu a elaboração de diversos pratos tradicionais, como a polenta que até hoje compõem o cardápio regional e representa importante elo de identidade cultural (Vestena; Zancan; Canto-Dorow, 2024). No entanto, esse conhecimento precisa chegar às atuais e futuras gerações.

Nas escolas, por exemplo, ao trabalhar os conceitos científicos associados aos culturais, mediados por diferentes recursos didáticos, os estudantes têm a oportunidade de conhecer a história do território, valorizar a cultura alimentar da região e compreender a importância da preservação desse patrimônio imaterial. Inserir esses saberes nas escolas contribui para fortalecer a identidade cultural das crianças e jovens, despertando nelas o respeito e o cuidado com a memória coletiva da comunidade.

Famílias e professores frequentemente se surpreendem com o interesse e o conhecimento que as crianças demonstram sobre determinados temas, muitas vezes não trabalhados pela escola, mas adquiridos por meio de outras fontes, como filmes, programas de televisão, histórias infantis, visitas a parques temáticos, museus, entre outros. Essa realidade evidencia como a divulgação científica está cada vez mais presente no cotidiano infantil (Falk; Dierking, 2010).

No caso específico das histórias infantis, seu propósito é oferecer às famílias momentos de deleite, fruição, lazer e reflexão, valendo-se de uma linguagem mais informal e acessível. Além disso, tais narrativas podem incorporar textos e imagens que abordam conteúdos científicos, seja de forma explícita ou de maneira sutil, despertando a curiosidade e estimulando a aprendizagem (Martins; Nascimento; Abreu, 2004).

Os contos infantis constituem recursos lúdicos eficazes para despertar o interesse das crianças pela arte literária e pela leitura, além de se configurarem como importantes aliados na ativação e no aprofundamento de conhecimentos científicos. No contexto escolar, essa potencialidade se concretiza quando o professor, de forma intencional e criteriosa, explora enredos que apresentam personagens e situações relacionadas a temas como tecnologias, animais, vegetais, seres humanos, astronomia, bem como questões sociais e ambientais (Doménech, 2014). Ademais, os contos infantis podem ser concebidos como instrumentos valiosos para favorecer que as crianças superem limites, ampliem suas potencialidades e desenvolvam habilidades como imaginação, criatividade, atenção, desinibição e autoexpressão (Fortuna, 2000; Santos; Cruz, 2010).

Metodologia

Este trabalho alinha-se como de abordagem qualitativa (Pádua, 2018), ao trazer reflexões e discussões sobre um fenômeno que envolve processos de diálogo entre subjetividade e objetividade, dentro de um contexto como o do Geoparque Quarta Colônia. Essas percepções desvelam-se a partir de uma perspectiva descritiva e exploratória, visto que compreendeu explorar a temática em pauta, no contexto específico do GQC e levantar hipóteses e caminhos para a qualificação da divulgação científica na educação básica (Lösch; Rambo; Ferreira, 2023).

No território do Geoparque Quarta Colônia, vem ocorrendo formações no contexto escolar, denominadas de “par a par” com os professores e de “lado a lado” com os estudantes, buscando envolver a comunidade escolar, a partir da proposição de oficinas formativas estruturadas com base na contação de histórias de dois livros: “*A bela Polenta: por que é tão especial?*” (Vestena; Zancan; Canto-Dorow, 2024) e “*O sonho do Pequeno Paolo*” (Canto-Dorow; Frigotto, 2025). As oficinas foram propostas e conduzidas por professores e estudantes do Grupo de Pesquisa em Educação, Ambiente-Patrimônio no Ensino de Ciências e Matemática (GPEAP), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECIMAT) da Universidade Franciscana (UFN), com a missão de divulgação científica para esse território, valorizando a identidade, cultura e o ambiente, onde estudantes e professores da educação básica estão inseridos.

As oficinas foram estruturadas com base nas etapas da metodologia da Educação Patrimonial (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999), integradas por quatro momentos: Observação, Registro, Exploração e Apropriação. O planejamento foi adaptado de acordo com a faixa etária, abrangendo a etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e teve como enfoque o estudo da planta do milho (*Zea mays*), desde a germinação da semente até a planta adulta, momento em que floresce e forma os frutos (grãos).

A intervenção aconteceu em dois momentos distintos: um no município de Ivorá-RS com a contação da história “*A Bela Polenta: por que é tão especial?*” e, o outro, no município de Nova Palma- RS, a partir da história “*O sonho do pequeno Paolo*”. O quadro, a seguir, sistematiza esses momentos, com as respectivas ações em cada município.

Quadro 1. Planejamento das oficinas de divulgação científica

Etapas da Educação Patrimonial	Ações das oficinas	
	Ivorá - Livro: <i>A Bela Polenta: por que é tão especial?</i>	Nova Palma - Livro: <i>O sonho do Pequeno Paolo</i>
Observação	Diagnóstico inicial: reconhecimento de alimentos <i>in natura</i> , processados, ultraprocessados a base de milho. Apresentação do livro “ <i>A Bela Polenta: por que é tão especial?</i> ” Apresentação de um painel com o ciclo de desenvolvimento do milho (interação, levantamento de hipóteses, diálogo).	Questionamentos sobre a imigração no território. Leitura coletiva do Livro <i>O sonho do pequeno Paolo</i> .
Registro	Atividade prática: registro das etapas do desenvolvimento da planta do milho. Culminância: dinâmica com o saquinho de sementes de milho.	Diálogo acerca da história, produzindo uma descrição verbal e refletindo sobre pontos estratégicos da história.
Exploração e Apropriação		Apresentação do pé de milho <i>in natura</i> (etapas do desenvolvimento do milho). Atividade prática: nomeação das etapas do desenvolvimento da planta do milho. Culminância: dinâmica com o saquinho de sementes de milho.

Fonte: elaborado pelas autoras

A metodologia de Educação Patrimonial se configurou como a metodologia estruturante das oficinas, bem como a metodologia que embasou os princípios deste trabalho como uma pesquisa, que atuou como instrumento facilitador da divulgação científica no contexto do GCQ. As etapas não são estanques, mas dialogam entre si, permitindo a flexibilidade de uma etapa abranger a outra. Essa flexibilidade foi favorecida pelo ambiente com múltiplas interações, que perpassam experiências e podem ressignificar os planos inicialmente traçados, valorizando as interações e vivências dos participantes.

Sendo assim, os dados provenientes das ações descritas no quadro 1 foram analisados por meio de uma abordagem descritiva-interpretativa, buscando compreender o significado, relevância e os possíveis impactos das atividades realizadas para a promoção do conhecimento científico no contexto escolar. Além disso, a análise foi realizada observando as etapas da Educação Patrimonial, e a importância da contação de histórias como estratégia para a construção de aprendizagens significativas e contextualizadas.

Resultados e Discussões

Levar o conhecimento científico de forma contextualizada e prazerosa era um dos objetivos da proposta das oficinas formativas, sendo a contação de histórias uma estratégia que viabilizou e deu voz a todos os atores envolvidos nesse processo (professores formadores, professores da educação básica, estudantes, gestores).

A contação de histórias é reconhecida como um recurso pedagógico valioso, pois, ao estimular a criatividade, a expressão oral e o raciocínio crítico, também contribui para a construção da identidade do estudante, além de contribuir com o processo de divulgação de conhecimentos científicos (Neder *et al.*, 2009; Scalfi; Corrêa, 2014). Estratégias como essa potencializam o envolvimento dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e estreitamente conectado ao seu território.

É com esse entendimento que as histórias “*A Bela Polenta: por que é tão especial?*” e “*O sonho do pequeno Paolo*” foram utilizadas nas oficinas em escolas nos municípios de Ivorá e Nova Palma.

O livro “*A Bela Polenta: por que é tão especial?*” aborda, a partir da música *A bela polenta*, a articulação de elementos históricos, botânicos, culturais, linguísticos e tecnológicos. Há descrição científica da espécie *Zea mays*, incluindo morfologia, partes constituintes e funções biológicas, ilustrações e atividades didáticas. A obra promove a Educação Patrimonial, a valorização da identidade cultural e a divulgação científica.

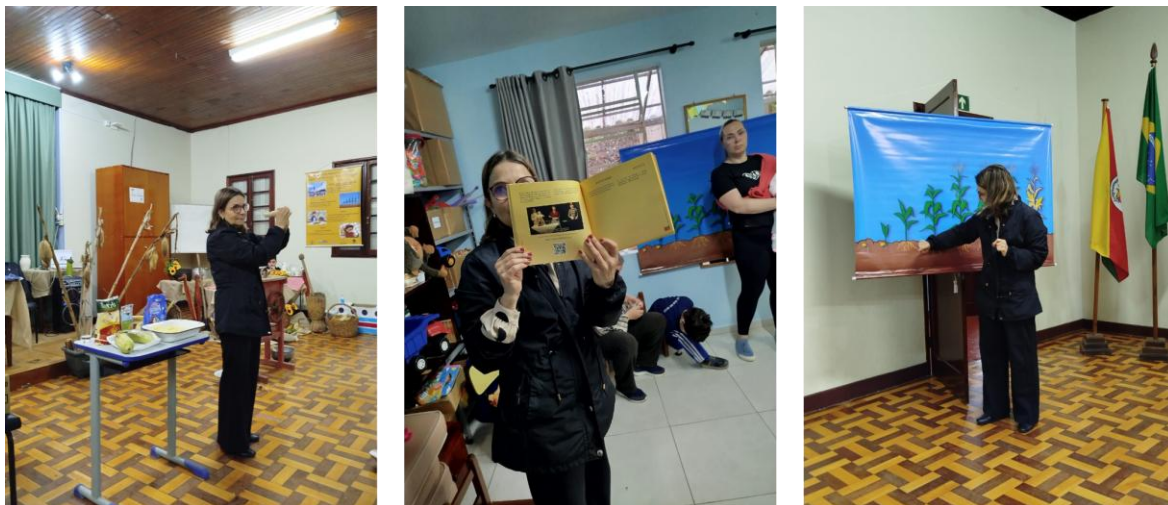
O livro “*O sonho do Pequeno Paolo*” narra as vivências relacionadas ao processo de imigração e as tradições culturais italianas. Paolo é um menino que, ao chegar ao Brasil com seus pais, se depara com uma realidade diferente e, dentre as experiências no local, manifesta intensa nostalgia dos pratos típicos realizados por sua avó, nesse caso a polenta.

Dessa forma, organizou-se dois blocos analíticos descritivos: i) A bela polenta: diálogos entre saberes populares e científicos; ii) O sonho do pequeno Paolo: histórias que revelam as Ciências.

I) A Bela Polenta: diálogos entre saberes populares e científicos

Para iniciar as oficinas, as mediadoras da atividade expuseram alimentos *in natura*, processados e ultraprocessados, todos à base de milho, a fim de estabelecer um diálogo com os estudantes e perceber a presença desses alimentos no cotidiano deles. Na sequência, foi apresentado o livro “*A bela polenta: por que é tão especial?*”. No transcurso da interação, foi exposto um painel que continha a ilustração do processo de desenvolvimento da planta do milho. A professora mediadora enfatizou sobre o processo de desenvolvimento, desde a germinação até a fase adulta, chegando no ponto do grão para a colheita. Nesse momento configura-se a etapa de observação, em que se faz perguntas, colocações, levanta-se hipóteses e o sujeito se aproxima do objeto/fenômeno a ser conhecido, etapa fundamental na construção do conhecimento científico (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999; Pereira, 2024). A figura 1 ilustra esses momentos descritos:

Figura 1. Etapa de observação



Fonte: registro das autoras

A etapa de observação, nesse contexto, ultrapassou a simples descrição do ciclo de vida do milho e configurou-se como um momento de articulação entre narrativas culturais e conhecimentos científicos. A contação de histórias, como ressaltam Souza e Nunes (2021), atua como forma de mediação cultural, permitindo que os estudantes construam conhecimentos de maneira ativa e contextualizada.

Ao integrar valores culturais e científicos, a narrativa torna a observação do milho significativa, aproximando os estudantes da ciência sem dissociá-la do território e das tradições locais. Nesse sentido, a constituição do sujeito só se torna significativa quando analisada em estreita relação com o contexto em que ele vive e pelo qual compartilha responsabilidades (Carvalho, 2006).

A etapa do registro se deu de forma articulada com a exploração e apropriação do objeto de conhecimento, nesse caso, o milho (*Zea mays*). Após a apresentação do painel do desenvolvimento do milho, foi entregue aos estudantes um esquema do ciclo de

desenvolvimento da planta, com a proposição do estudante nomear cada etapa desse processo. A figura 2 apresenta esse momento.

Figura 2. Registro e Apropriação do Conhecimento - etapas do desenvolvimento da planta do milho



Fonte: registro das autoras

Ao final da oficina, foi proposta a dinâmica do saquinho com as sementes de milho, na qual os alunos fechavam os olhos enquanto as mediadoras das atividades distribuíam saquinhos com sementes de milho. Ao abrirem os olhos, todos tiveram a surpresa de receber, como um gesto de carinho e símbolo de cuidado e responsabilidade, as sementes de milho (Figura 3). A proposição transmitiu uma mensagem simbólica: não basta apenas plantar, é necessário regar e cuidar para que a planta se desenvolva e produza frutos. Dessa forma, foi reforçado o compromisso com a valorização desse alimento essencial para a cultura local.

Diante do exposto, a oficina possibilitou que os estudantes, assim como as docentes, compreendessem as ciências de um modo sensível e contextualizado com o território de sua vivência, contribuindo para a construção de uma identidade a partir da valorização do patrimônio cultural e do patrimônio natural do Geoparque Quarta Colônia (Prestes; Vestena, 2024).

Figura 3. Dinâmica de entrega das sementes



Fonte: registro das autoras

II) O sonho do pequeno Paolo: histórias que revelam as Ciências

A oficina que teve por base o *Sonho do Pequeno Paolo*, realizada no município de Nova Palma-RS, iniciou com questionamentos, a fim de despertar a escuta, atenção e o levantamento de hipóteses. Esses questionamentos giram em torno do reconhecimento da história da imigração italiana, das comidas típicas, sobretudo da polenta no cotidiano de cada um, criando um ambiente em que os estudantes puderam compartilhar as próprias vivências.

Nessa direção, inicia-se a etapa de observação, com a distribuição de um exemplar do livro para cada um dos estudantes, momento em que foi feita a leitura coletiva da história (figura 4), com pausas estratégicas para enfatizar aspectos relevantes da narrativa, da linguagem e temáticas abordadas. Essa prática favoreceu a participação ativa dos alunos, os quais foram instigados a refletir sobre o seu cotidiano, promovendo um espaço de diálogo e construção coletiva de sentidos.

Figura 4. Leitura do livro *O sonho do Pequeno Paolo*



Fonte: registro das autoras

Após a contação da história, foi realizado o momento de descrição verbal, uma das formas de registro, cujos estudantes foram instigados a participar de uma roda de conversa, dialogando acerca de aspectos relevantes da história como a dimensão afetiva do valor simbólico da comida preparada pela avó; a saudade da terra natal; a relevância da preservação das sementes como memória cultural. A criança quando ouve e participa de momentos reflexivos no processo de contação de histórias, tem a possibilidade de recontá-las e fazer relações com o mundo real, favorecendo o processo de alfabetização e letramento (Viana; Bemme; Vestena, 2024).

Nesse sentido, o ato de contar histórias, também conhecido como *storytelling*, “[...] consiste na estratégia de promover atividades de contar narrativas com diversos símbolos intrínsecos que exprime valores, atitudes, princípios e moral [...] contribuindo com

a formação do senso crítico, e com a conservação da significância do aprendizado” (Júnior; Monerat, 2024). Sendo assim, contar histórias permite mediar os saberes de forma lúdica, contextualizada, leve, além de promover o fortalecimento da memória, tornando o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmicos.

Na sequência, na etapa de exploração e apropriação do conhecimento, foi apresentado aos estudantes a planta de milho *in natura*, conforme ilustra a figura 5, em que foram abordadas as etapas do desenvolvimento do milho: a semeadura, o processo de germinação, o crescimento, surgimento das flores e frutos.

Figura 5. Exploração do desenvolvimento da planta do Milho



Fonte: registro das autoras

A experiência prática permitiu conectar conceitos científicos à realidade cotidiana e relacioná-los aos valores culturais e afetivos explorados na contação de histórias, como a preservação das sementes e a memória do ambiente familiar. Ao possibilitar que os estudantes observem, descrevam e interajam com o milho, cria-se condições para que os conceitos científicos sejam compreendidos como úteis, contextualizados e aplicáveis (Nébias, 1999).

Para finalizar, foi realizada a atividade prática de nomeação das etapas de desenvolvimento da planta do milho, de acordo com os saberes adquiridos durante a atividade.

Assim como realizado na oficina A bela Polenta: por que é tão especial?, como culminância, foi proposta a realização da dinâmica do saquinho de milho, em que os alunos, de olhos fechados, receberam sementes como gesto simbólico de cuidado e

responsabilidade, ressaltando a importância desses atos para colher frutos e valorizar a cultura local.

Ambas as oficinas propiciaram um ambiente de desenvolvimento de ações de geoeducação, à medida que vivenciaram atividades de valorização do Patrimônio natural e cultural. As ações de geoeducação desempenham um papel relevante tanto no ensino e aprendizagem quanto na preservação do patrimônio geológico, ao favorecer que a sociedade reconheça a importância da geodiversidade (Moura; Varela; Albuquerque, 2024). De acordo com Figueiró *et al.* (2019, p. 172):

A geoeducação não pode ser interpretada apenas como ensino de conceitos ligados às Ciências da Terra, mas a um conjunto de conhecimentos e saberes, escolares e não escolares, voltados a crianças, jovens e adultos, no sentido de prepará-los para interpretar e agir no seu território, em busca de melhores condições de vida e de manutenção do seu patrimônio coletivo.

A educação constitui um elemento central para a compreensão e a preservação do geopatrimônio. Nesse sentido, a elaboração e aplicação de atividades e materiais voltados à geoeducação são fundamentais para que as iniciativas dos geoparques alcancem a comunidade, promovendo a difusão da geoeducação e contribuindo para o desenvolvimento sustentável da região (Moura; Varela; Albuquerque, 2024).

A interação entre diversas ferramentas e linguagens, adaptadas às características de cada território, pode incentivar a reflexão crítica e a valorização da geodiversidade. Essas ações ajudam a despertar nos estudantes um senso de responsabilidade socioambiental e o reconhecimento das paisagens únicas de cada localidade (Parrot *et al.*, 2025).

A contação de histórias, por exemplo, configura-se como uma ferramenta eficaz para a geoeducação, indo além da mera transmissão de conceitos, ao despertar o interesse dos alunos e fortalecer seu senso de pertencimento territorial. Esse potencial é evidenciado por estudos como o de Leite (2023), que, ao utilizar narrativas sobre geodiversidade em escolas do Geoparque Seridó (RN), demonstrou como essa abordagem pode enriquecer o aprendizado. Os resultados indicam que a contação de histórias não apenas aprofunda o entendimento dos alunos sobre as Ciências da Terra, mas também promove discussões mais amplas sobre preservação ambiental e uso sustentável dos recursos naturais.

De maneira semelhante, metodologias ativas, a exemplo de *storytelling*, têm se mostrado eficazes em diferentes contextos. No Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul, por exemplo, a aplicação dessas abordagens despertou nos alunos um senso de responsabilidade socioambiental, ao mesmo tempo em que estimulou sentimentos e percepções importantes durante as atividades práticas (Parrot *et al.*, 2025). De forma análoga, a literatura infantil pode favorecer o desenvolvimento emocional e cognitivo dos estudantes, promovendo distintas formas de engajamento (Diniz, 2013).

Nesse espaço de compartilhamento de vivências e experiências, subjaz a ciência, essa que se cria e se transforma a partir da realidade e fenômenos cotidianos. O diálogo entre ciência e cultura contribuiu fortemente para a compreensão de inúmeras identidades em formação. Falar de identidades implica considerar o vínculo comunitário, pois, na

medida que o indivíduo compreende e se reconhece no território, ele tende a participar de iniciativas e se envolver no desenvolvimento de propostas de transformação social (Rebellato; Lisboa Filho, 2023). É nessa perspectiva que as oficinas desenvolvidas pretendem dar voz e valorizar as singularidades do território do Geoparque Quarta Colônia, exaltando a cultura e história como elementos constitutivos do conhecimento científico.

Considerações finais

Diante do objetivo deste trabalho, que foi o de relatar e discutir momentos de divulgação científica no Geoparque Quarta Colônia, mediados por histórias inspiradas no contexto cultural do Geoparque, destaca-se, mediante os resultados apresentados, bem como o referencial teórico adotado, o potencial de articular a cultura, valorizar o território e vivências dos indivíduos no processo de construção do conhecimento científico.

A contação de histórias serviu como estratégia de divulgação científica que viabilizou a aproximação dos estudantes com as Ciências, a partir da mobilização de um resgate histórico e de sentimentos de identificação despertados por essa experiência. Essa prática também desconstruiu percepções do senso comum e estimulou a curiosidade sobre os processos naturais e culturais, estimulando a curiosidade, o engajamento e a reflexão crítica. Assim, os estudantes puderam fortalecer a compreensão de conteúdos científicos de maneira lúdica e afetiva, valorizando aspectos que vão além do conceito, abrangendo também procedimentos e atitudes.

Cumprir observar que as práticas desenvolvidas foram pautadas a partir da valorização da sociodiversidade, geodiversidade e biodiversidade, elementos significativos, constituintes na formação de um Geoparque, como no caso do Geoparque Quarta Colônia. Esse tripé foi desenvolvido por meio de ações de geoeducação, as quais foram pensadas a partir dos princípios da Educação Patrimonial, metodologia que oferece etapas para ampliar o olhar e sentido a um objeto ou fenômeno, valorizando a identidade, cultura e história dos atores envolvidos no território. Portanto, a divulgação científica mediada pela contação de histórias oportunizou o diálogo com o conhecimento científico ampliando o olhar das crianças para elementos que perfazem a identidade sociocultural do Geoparque Quarta Colônia.

Referências

ALMEIDA, S. A. Cenas de leitura da ciência hoje das crianças: modos de uso e apropriação da revista em sala de aula. *Educação em Revista*, n. 34, p. 1-28, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102_4698173829. Acesso em: 25 ago. 2025.

ALMEIDA, C. S.; FREIRE, M.; BENTO, L.; JARDIM, G.; RAMALHO, M.; DAHMOUCHE, M. Ciência e teatro: um estudo sobre as artes cênicas como estratégia de educação e divulgação da ciência em museus. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 24, n. 2, p. 375-393, 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/55sPPsWh9vRs6htkH5qkXxJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 ago. 2025.

CANTO-DOROW, T. S.; FRIGOTTO, D. *O sonho do pequeno Paolo*. 1. ed. Santa Maria: Universidade Franciscana, 2025.

CARNEIRO, J. B.; MASSARANI, L.; ROCHA, J. N.; SILVEIRA, F. S.; CAMBRE, M. Familias y museos de ciencia: un análisis de la visita a una exhibición para el público infantil de Espacio Ciencia, Uruguay. *ACTIO: Docência em Ciências*, v. 6, p. 1-24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3895/actio.v6n3.1401>. Acesso em: 25 ago. 2025.

CARVALHO, I. C. M. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

DAHLSTROM, M.F. Using narratives and storytelling to communicate science with non-special audiences. *Proceedings of the National Academy of Sciences (Pnas)*, v. 111, n. 4, p. 113614-13620, 2014. Disponível em: www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1320645111. Acesso em: 25 ago. 2025.

DINIZ, T. B. C. *A Contação de Histórias e sua Influência no Desenvolvimento Cognitivo e Emocional da Criança*. 2013. 56 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20843/2/MD_EDUMTE_2014_2_110.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.

DOMÉNECH, J. C. Las historias concontrarios como herramienta didáctica em la enseñanza de las ciencias em Educación infantil. In: MARTÍNÉS, P. M.; GOMZÁLES, B. A.; PÉREZ, R. (org.). *Investigación e innovación em Educación infantil*. Espanha: Universidad de Murcia: Servicio de Publicaciones, 2014. p. 101-106.

FALK, J. H.; DIERKING, L. D. The 95 percent solution: school is not where most Americans learn most of their science. *American Scientist*, v. 98, n. 6, p. 486-493, 2010.

FIGUEIRÓ, A.; MOTTA, V.; BRUNHAUSER, T.; VENTURA, H.; CECHIN, D. A produção de materiais geoeducativos na proposta do Geoparque Quarta Colônia, RS. *Physis Terrae – Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente*, v. 1, n. 2, p. 171-184, 2019. Disponível em: <https://www.geoparquequartacolonia.com.br/arqs/20.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2025.

FORTUNA, T. R. Sala de aula é lugar de brincar? In: XAVIER, M. L. M.; DALLAZEN, M. I. H. (org.). *Planejamento em destaque: análises menos convencionais*. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 147-164.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p. 27-38, jan./mar., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 ago. 2025.

HORTA, M. L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia básico de Educação Patrimonial*. 3. ed. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial.pdf.pdf. Acesso em: 09 jul. 2025.

JÚNIOR, M. J.; MONERAT, C. A storytelling como metodologia ativa na discussão das temáticas resíduos sólidos e meio ambiente no ensino de ciências. *Revista e-Mosaicos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 32, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/79775>. Acesso em: 16 ago. 2025.

LEITE, J. H. Geodiversidade em foco: contação de histórias e educação nas escolas. *In: ENCONTRO GEOPARQUE SERIDÓ*, 5., 2023, Currais Novos. *Anais [...]*. Currais Novos: FELCS, 2023. p. 55-56.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 18, 2023. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 16 ago. 2025.

LOURENÇO, A. Contando Histórias e Encantando nos Espaços de Leitura. *Ciência e Informação em Revista*, v. 1, n. 2, p. 28-31, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/1442/1197>. Acesso em: 9 mar. 2022.

MANFROI, O. *A Colonização italiana no Rio Grande do Sul*: implicações econômicas, político e culturais. 2. ed. Porto Alegre: Grafosul, 2001.

MARTINS, I.; NASCIMENTO, S.; ABREU, T. Livros infantis de temática científica: um espaço para a imaginação e a aprendizagem. *Ciência & Educação*, v. 10, n. 3, p. 383-398, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/e-mosaicos/article/view/79775>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MOREIRA, L. M.; MARANDINO, M. Teatro de temática científica: conceituação, conflitos, papel pedagógico e contexto brasileiro. *Ciência & Educação*, v. 21, n. 2, p. 511-523, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320150020015>. Acesso em: 24 ago. 2025.

MOURA, R. M.; VARELA, A. S. S.; ALBUQUERQUE, F. N. B. Atividades e recursos geoeducativos nos geoparques brasileiros. *Revista Homem, Espaço e Tempo*, Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 1, n. 18, p. 26-44, 2024. Disponível em: <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/570>. Acesso em: 26 ago. 2025.

NÉBIAS, C. Formação dos conceitos científicos e práticas pedagógicas. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 4, p. 133-140, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/wB3f5LTHSPSjgqnX4F4zRLy/?lang=pt>. Acesso em: 20 ago. 2025.

NEDER, D. L. S. M.; ALMEIDA, E. C. S.; CUNHA, L. A. L.; FERNANDES, L. C. S.; CASTRO, T. L.; ALMEIDA, T. C. Importância da contação de histórias como prática educativa no cotidiano escolar. *Pedagogia em Ação*, v. 1, n. 1, p. 1-141, jan./jun. 2009.

PÁDUA, E. M. M. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas, SP: Papirus, 2018.

PARROT, T. C. S.; RIBEIRO, E. A. W.; BATISTA, N. L.; FERNANDES, A. M. M. Geoeducação e metodologias ativas no ensino médio: um estudo de caso do Geoparque Caminhos dos Cânions do Sul. *PerCursos*, Florianópolis, v. 26, e0102, 2025.

PEREIRA, R. Práticas investigativas no ensino de ciências. *Gestão Contemporânea*, v. 14, n. 2, p. 65-81, nov. 2024. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/gestaocontemporanea/article/view/3524/2764>. Acesso em: 15 ago. 2025.

PRESTES, A. S.; VESTENA, R. F. Geoparque quarta colônia e a formação continuada de docentes em exercício: uma análise das jornadas interdisciplinares de formação de professores em educação patrimonial. *Revista Dynamis*, v. 30, p. e11546, 2024. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/11546>. Acesso em: 24 ago. 2025.

REBELLATO, M.; LISBOA FILHO, F. F. Geoparque: uma mobilização coletiva com foco no desenvolvimento sustentável. *Physis Terrae – Revista Ibero-Afro-Americana de Geografia Física e Ambiente*, v. 5, n. 2-3, p. 271-287, 2023. Disponível em: <https://revistas.uminho.pt/index.php/physisterrae/article/view/5572/6259>. Acesso em: 24 ago. 2025.

SANTANA, B. R.; SILVA, W. R.; FREITAS, M. O. O Show da Luna como Gênero Mediador de Educação Científica. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 27, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210003>. Acesso em: 28 ago. 2025.

SANTOS, S. M. P.; CRUZ, D. R. M. *Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores em creche*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SCALFI, G. A. M.; CORRÊA, A. M. A arte de contar histórias como estratégia de divulgação da ciência para o público infantil. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 19, n. 1, p. 107-121, jan./jul. 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao>. Acesso em: 15 ago. 2025.

SOUZA, V. O. D.; NUNES, V. R. B. Contação de história: uma forma de mediação cultural. In: FIGUEROA, A. M. S.; BRITO, A. D. S.; NUNES, V. R. B. (org.). *Entre museus e arquivos: contribuições para pesquisas e práticas sobre ensino*. São Paulo: Bookerfield, 2021. p. 83-100. Disponível em: <https://bookerfield.com/catalogo/10.53268/BKF21091300>. Acesso em: 18 ago. 2025.

UNESCO. O que é um Geoparque Global da UNESCO? *UNESCO Global Geoparks*, 23 jul. 2025. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/igpp/geoparks/about>. Acesso em: 27 ago. 2025.

VESTENA, R. F.; ZANCAN, M. D.; CANTO-DOROW, T. S. *A Bela Polenta: Por que é tão especial?* Santa Maria, RS: CTISM/UFSM, 2024. Disponível em: <https://www.ufn.edu.br/site/arquivo/baixar-arquivo-anexado/F43F79D3BDDA311BF77E3DE521046D3F>. Acesso em: 09 jul. 2025.

VIANA, L. C.; BEMME, L. S. B.; VESTENA, R. As aventuras de Zaki no mundo dos Baobás: Uma proposta para o ensino de Ciências e Matemática nos anos iniciais. *Anais* [...] 8. Mostra Gaúcha de Produtos Educacionais, URI – Santo Ângelo, RS, 10-11 out. 2024. Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/Mostra%20gaucha%20-%20anais%202024/5972.pdf. Acesso em: 16 ago. 2025.